

A pedra flexível do discurso: imagens do Brasil na Alemanha de Goethe¹

¹ Este artigo se baseia em pesquisa realizada durante janeiro e fevereiro de 2000 em Weimar, Alemanha, com bolsa da Stiftung Weimarer Klassik.

Myriam Ávila
Universidade Federal de Minas Gerais

João e Francisca, de volta ao Brasil depois de quase 200 anos, olham através de nós com os mesmos rostos inexpressivos com que posaram para o desenhista vienense em 1821. Anunciados como uma das sensações trazidas pelo Brasil pela expedição científica enviada pelo Imperador da Áustria por ocasião do casamento de sua filha Leopoldina, sua autenticidade era devidamente atestada em relatório de viagem publicado na *Revista Vienense de Arte, Literatura, Teatro e Moda*² e o artista-retratista anotou sob a gravura em metal: *aus der Natur gezeichnet* (retratados em observação direta). Os olhos vazios destacam-se no retrato, apesar dos vistosos enfeites botocudos que lhes deformam as orelhas e os lábios. Os rostos, coloridos, emergem de dentro de roupas européias apenas esboçadas. “o casal que o Dr. Pohl achou por bem trazer para a Europa, e que a ele se juntou voluntariamente [...] o homem contando 20 e a mulher 21 anos, vêm, com exceção de uma curta temporada junto a fazendeiros portugueses, [...] diretamente das mãos da Natureza.”

² Edição de 4 de dezembro de 1821.

Conformado pelo olhar objetivizador do estrangeiro, o retrato se torna emblema da imagem do Brasil predominante na Europa de inícios do século XIX. O presente artigo tenta resgatar nessa imagem a humanidade seqüestrada, que é nossa, de João e Francisca.

* * *

Na biblioteca particular de Goethe, em Weimar, encontram-se, entre dezenas de livros de viajantes, cientistas ou não, sobre as Américas, treze obras dedicadas ao Brasil, de autoria de Spix e Martius, Eschwege, Maximilian de Wied-Neuwied, Kloss, Nees von Eisenbach, Pohl. Alguns desses mantiveram correspondência com o escritor ou freqüentaram sua casa na sede do grão-ducado de Saxe-Weimar. A par dessas obras de informação erudita colhida in loco pelos autores, figuram entretanto, curiosamente, no acervo de livros sobre o Novo Mundo, dois pequenos volumes que compõem o livro *A descoberta da América*, dedicado à juventude e publicado, já na quarta edição, em 1796, por uma editora de livros didáticos. Seu autor, Joachim Heinrich Campe, escreveu vasta obra de caráter pedagógico, que inclui uma coleção de 12 volumes de descrições de viagens de todo tipo, sempre com a indicação “para a juventude”, além de uma nova versão de Robinson Crusoe, *Robinson der jüngere*. Este último parece ter tido grande sucesso, sendo traduzido para o francês com o título de *Le nouveau Robinson*.

Goethe teria, na época da edição de *A descoberta da América*, 47 anos. Não há qualquer indicação de que teria adquirido o livro para seu filho (a compra foi feita em 1798). Mais possivelmente teria sido levado pela curiosidade que lhe despertava o continente distante. Nesse livro, Campe usa a estratégia de representar seu narrador como um pai que conta histórias para os filhos, interrompido de quando em quando por suas perguntas ou pelos comentários da mãe, em um serão familiar em tudo semelhante aos da Dona Benta de Monteiro Lobato. A narrativa cobre não apenas a viagem de Colombo como também as conquistas do México e do Peru. O Brasil não é mencionado³. O interesse inicial pelo misterioso Novo Mundo levaria o poeta a cultivar, no início do século XIX, a amizade de Alexander von Humboldt, o famoso explorador alemão das Américas, que também não penetrara no território brasileiro.

Essa ausência do Brasil nos relatos de viagem da época se explica pelo fechamento das fronteiras aos estrangeiros, através do qual os portugueses procuravam defender a posse de sua mais importante colônia. Ecos do Brasil se ouviam no *Robinson* de Defoe, ainda de 1719, e no novo *Robinson* de Campe. Neste, as referências se diluem para a imagem lendária do Eldorado ou o clássico topos do *locus amoenus*, provocando das crianças, narratários da história, os seguintes comentários:

Não é este país aqui, que pertence aos portugueses e onde se encontra tanto pó de ouro e pedras preciosas? (Le nouveau Robinson, p.45⁴)

Teodoro - *Papai, neste ponto eu bem que gostaria de estar no lugar de Robinson.*

³ No entanto, o livro contém um mapa em que o Brasil está representado com algumas cidades escolhidas aleatoriamente. No espaço relativo a Minas Gerais figuram Vila Rica e “Tabaraba” (Itaverava?).

⁴ Hamburg, 1779.

O pai - *É mesmo?*

Teodoro - *Sim, pois agora ele tem tudo de que precisa, e vive em um país tão lindo, onde nunca é inverno. (LNR, p.261)*

Nas *Descrições de viagens para a juventude*, há referências mais precisas ao Brasil, mas a tônica continua sendo o mistério que envolve o país com o severo controle dos navios estrangeiros que ali aportam, resultando em um retrato pouco confiável de sua parte visível (a cidade do Rio):

De lá puseram-se a caminho do Brasil, uma conhecida província portuguesa na América do Sul” [...] A cidade Janeiro é incrivelmente bela. (Viagem do Comodoro Byron - 1764/1766) 3ª parte, p. 9.

As igrejas são muito bonitas [...] As ruas são todas retas e cruzam-se umas com as outras em ângulos retos. (Viagem do Capitão Cook - 1768-1771) 5ª parte, p. 98.

Na região onde se encontram ouro e diamantes “niemand darf betreten” (ninguém pode pisar). Pode-se apenas imaginar a dura vida que ali levam os escravos forçados a trabalhar dia e noite nas minas. Onde estas se localizam, ninguém sabe. Há ainda referências ao todo — poderoso vice-rei, que proíbe a entrada aos navios do Capitão Cook.

A imagem do Brasil que prevalece na Alemanha do século XVIII é portanto nebulosa e esmaecida, menos estimulando a curiosidade do que promovendo o esquecimento. Um fato novo, porém, mudará completamente esse estado de coisas: a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil em 1808, com a conseqüente abertura dos portos “às nações amigas”. Com o rei vem o mineralogista alemão Barão Guilherme de Eschwege, nomeado capitão do exército português. Permanece dez anos no país como diretor de minas e, voltando à Alemanha, publica em 1818, na cidade de Weimar, onde Goethe era conselheiro do grão-duque Carl August, seu primeiro livro sobre o Brasil, *Diário do Brasil*.

O interesse despertado pelas notícias do Brasil divulgadas por Eschwege, que, como Hans Staden, era natural do Hessen, se comprova pelas numerosas observações que Goethe lhes dedica em seu diário. Segundo uma pesquisa de Wolfgang Hoffmann-Harnisch, publicada como artigo na revista *Cultura* de 1948, entre 84 menções ao Brasil que se encontram em diversos escritos de Goethe, um terço se refere a Eschwege e suas obras. A maioria desses comentários diz respeito a uma amostra mineralógica que o barão trouxera do Brasil e que instigara o poeta a encontrar na Alemanha uma pedra semelhante:

Em troca envio-vos uma rocha encontrada na Alemanha e que é parente bem próxima do itacolomito do Sr. von Eschwege, como ele próprio admitiu, e pergunto se com vossa larga experiência já vistes uma parecida? Na minha opinião, também aqui, como no Brasil deve haver nas cercanias a pedra flexível.⁵ [Carta a C. c. von Leonhard, em 9 de junho de 1823]

⁵ *Goethes Werke*. IV Abteilung. [Goethes Briefe]. 37. Band. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1906. p. 60.

Vós certamente vos sentireis movido a novas pesquisas quando eu vos disser que é bastante semelhante ao itacolomito brasileiro, uma rocha que seria encontrada apenas na América do Sul. [...] As peças que me enviastes parecem em sua decomposição natural totalmente idênticas àquele.⁶ [Carta a Friedrich Constantin von Stein, em 11 de junho de 1823]

⁶ *Idem*, p.64.

A maioria das menções ao Brasil que se encontram nos diários e correspondência de Goethe refere-se aos anos em que o poeta esteve em contato com Eschwege. Entretanto, décadas atrás ele já dirigira a atenção a nosso país. Em 1782 escrevera duas “canções brasileiras”, tiradas dos *Ensaíos* de Montaigne e retrabalhadas em verso. Um delas recebeu em 1825 uma nova versão.

Todeslied eines Gefangenen. Brasilianisch. 1782

*Kommt nur kühnlich, lommt nur alle,
Und versammelt euch zum Schmause!
Denn ihr werdet mich mit Dräuen,
Mich mit Hoffnung nimmer beugen.
Seht, hier bin ich, bin gefangen,
Aber noch nicht überwunden,
Kommt, verzehret meine Glieder,
Und verzehrt zugleich mit ihnen
Eure Ahnherrn, eure Väter,
Die zur Speise mir geworden.
Dieses Fleisch, das ich euch reiche,
Ist ihr Toren, euer eignes,
Und in meinen innnern Knochen
Stick das Mark von euren Ahnherrn.
Kommt nur, kommt, mit jedem Bissen*

Kann sie euer Gaumen schmecken.

(Canção de morte de um prisioneiro. Brasileira. 1782

*Vinde com ousadia, vinde todos,
Reuni-vos para o festim!
Pois jamais me curvareis
Com ameaças e promessas.
Vêde, aqui estou, prisioneiro,
porém nunca derrotado,
Vinde, consumi meus membros,
E ingeri no mesmo ato
Vossos próprios antepassados
Que a mim serviram de pasto.
Esta carne que ofereço,
É de vós mesmos pedaço
Mora no cerne de meus ossos
A medula de vossos pais.
Vinde, pois: a cada naco
Saberão eles a vosso palato.)*

Brasilianisch. 1825

*Schlange halte Stille,
Halte stille Schlange!
Meine Schwester will von dir ab
Sich ein Muster nehmen;
Sie will eine Schnur mir flechten,
Reich und bunt, wie du bist,
Dass ich sie der Liebsten schenke.
Trägt sie die, so wirst du
Überall vor allen Schlangen
Herrlich schön gepriesen.*

(Brasileira. 1825

*Serpente, não te movas,
Não te movas, serpente!
Minha irmã quer copiar
O padrão da tua pele;
Quer trançar-me uma faixa,
Em ricas cores, como as tuas,
Que darei à minha amada.
E quando a trouxer no corpo
Serás, entre todas as outras
Serpentes, a mais louvada.)*

Trata-se, nesses poemas, de atividades humanas. Os comentários listados por Hoffmann-Harnisch, no entanto, dizem respeito quase que exclusivamente a plantas e rochas. Aí se tem o Brasil como reserva de tesouros naturais, como cornucópia, como uma terra em que o homem é apenas mais uma criatura entre outras.

Seres de cultura, seres de natureza

A literatura de viagem que Goethe leu e releu minuciosamente (incluindo autores como Spix e Martius, John Mawe, Wied-Neuwied e muitos outros) não se limita, porém, a descrição da natureza. Um outro lado do país aparece nessas obras, na apresentação de costumes e características dos habitantes — entre os quais contavam-se já então raros grupos indígenas — e de fatos econômicos e políticos, etc. Por que Goethe ignora esses outros aspectos, fixando sua atenção apenas sobre as ciências naturais?

Como vimos, seu primeiro contato com o Brasil ocorreu através dos comentários de Montaigne sobre os povos nativos. Bem mais tarde, em sua correspondência com Martius, surge de novo o tema das canções indígenas, no âmbito de uma coleção de canções populares, que Goethe interessantemente denomina *Nationallieder*, mostrando o entranhamento da idéia de nação em seu pensamento:

As canções nacionais enviadas vêm aumentar minha coleção de forma muito característica: é impressionante o contraste entre as tirolesas, alegres, rústicas, civilizadas [gesittete], com as brasileiras, cruas, sombrias, primitivas [genaturte]

Ao demarcar o território dos costumes [*Sitten*] como um espaço europeu, em contraposição ao da natureza [*Natur*], reservado ao Brasil, Goethe não faz mais que corroborar a perspectiva dos numerosos cientistas germanófonos que nas duas primeiras décadas do século XIX empreenderam uma nova descoberta do Brasil, buscando catalogar sua fauna, flora e populações indígenas, em afã bastante justificado diante da destruição perpetrada pelos colonizadores. As várias expedições que, a mando dos nobres, partiam para o Novo Mundo, estavam imbuídas da missão de anexar ao cabedal científico europeu todo conhecimento que dali pudesse ser extraído. Não apenas com descrições e desenhos se procurou saciar essa fome de saber, mas também com o transplante para o velho continente de todo tipo de espécime vegetal, mineral e animal, sem exce-

ção para o elemento humano.

Os patronos dessas dispendiosas viagens intentavam com elas dar mostra de seu esclarecimento, mas também enriquecer seus domínios com as raridades trazidas de longe, que vinham então povoar seus parques zoológicos, suas estufas e jardins, seus museus e gabinetes. Residualmente, alguma riqueza mais concreta era obtida através dos diamantes e amostras de ouro recolhidos pelos viajantes. A mais suntuosa expedição desse tipo, saída de Viena no ensejo do casamento da Princesa Leopoldina com D. Pedro, trouxe para a coleção de curiosidades do Imperador austríaco macacos de sete espécies diferentes, um gambá, pacas, capivaras, tatu, urubus, emas, papagaios, araras, periquitos, jabutis e um jacaré, além de diversos outros animais menos exóticos, inclusive um “galo cantor”, de que Eschwege já dera notícia no seu *Brasil, novo mundo*, mas que morreu durante a travessia do Atlântico.

Em tudo imitavam agora os exploradores da Europa Central os primeiros viajantes franceses e portugueses que no século XVI voltavam dos trópicos carregados de curiosidades, apenas legitimados desta vez por uma postura científica de observação metódica e notação precisa que amainava a cobiça pelo exótico dos senhores que os financiavam.

O grão-duque Carl August de Saxe-Weimar, de quem Goethe era assessor direto, procurou também se inserir na moda do dia, encomendando mudas de plantas brasileiras e comprando diamantes trazidos por Eschwege. Inveja a coleção vienense, de que gostaria de obter ao menos as sobras:

Herr Schreibers bem que poderia nos enviar algumas migalhas caídas da real mesa do Imperador. Talvez von Eschwege venha de Kassel, onde agora está, e nos traga algo de surpreendente. (Carta a Goethe, 14 de janeiro de 1822)

Estou muito grato a Schreibers pelas sementes. Parecem ser espécies totalmente novas; peço-vos que lhe agradeçais e perguntes, se não chegaram a Viena sementes da Araucaria excelsa e de Artocarpus? O Senhor von Eschwege afirma que já enviou por diversas vezes sementes dessa primeira para a Alemanha, a diversas pessoas, inclusive a seu irmão; mas ela nunca vingou. Quando surgir outra oportunidade de viagem ao Brasil, encomendai ao Sr. Schreibers um bom estoque de ambas. (Carta a Goethe, 21 de fevereiro de 1822)

Nesse mesmo ano de 1822, sem que o fato da independência seja decisivo ou ao menos devidamente percebido pelos alemães, a “febre

brasileira” chega ao auge. Em Hamburgo, cidade portuária, não se fala de outra coisa. A canção *Brasilien ist nicht weit von hier* (“O Brasil não é longe daqui”, que Flora Süssekind toma como mote de seu livro sobre a fundação do narrador na ficção brasileira) soa em todos os cantos, obrigando os fabricantes de realejos a reformarem seus instrumentos para tocá-la. Entre o povo em geral dominava ainda a idéia de uma terra pródiga em ouro e diamantes, um lugar onde os aventureiros poderiam “fazer a América”, enfim, a *Schlaraffenland* das velhas canções populares, onde tudo era possível.

Mesmo a imagem do Brasil da classe letrada era montada de certa forma a partir da idealização, embora constantemente reajustada e refinada segundo as mais recentes descobertas e relatos dos viajantes. A pesquisa científica estava, nesse caso, mesclada com alta parcela de curiosidade pura e com a mania da coleção característica da época, tornando mais importante a obtenção de amostras extraordinárias do que a mera descrição dos fenômenos naturais.

Em ambas as posturas, vemos um Brasil para consumo externo, sem existência política ou cultural própria, um país em que qualquer ramo produtivo ou criativo de atividade humana só vinha contrariar sua vocação anunciada de repositório de recursos e belezas naturais. Todo outro aspecto da experiência brasileira dos viajantes se resumia nas queixas acerca do desconforto, má alimentação, ignorância e preguiça que criavam obstáculos ao bom progresso da viagem.

A atitude de Goethe, no entanto, certamente compartilhada com alguns de seus amigos mais próximos, entre os quais Eckermann e Frédéric Sorét, opõe-se à da maioria de seus contemporâneos no descaso pelo exótico aliado a um interesse permanente pelos relatos de viajantes sobre o Brasil. Embora fosse um grande leitor de viajantes em geral, como indicam os livros que retirou da Biblioteca de Weimar ao longo das três primeiras décadas do século XIX, seus repetidos empréstimos de livros sobre o Brasil indicam uma atenção menos voltada para o entretenimento do que para o estudo principalmente da botânica e da mineralogia. Eckermann, em suas *Conversas com Goethe*, não menciona uma única vez o país, embora relate uma visita de von Martius ao poeta. Mas podemos colher, aqui e ali, comentários deste que refletem sua postura com relação ao nosso país.

Em certa passagem do livro, Eckermann fala dos zoológicos particulares dos nobres da época, cujas espécies exóticas lhe causam aversão, provocando a seguinte resposta de Goethe: “A nós, os macacos e a gritaria dos papagaios são com razão antipáticos porque vemos esses animais aqui, em um ambiente para os quais eles não foram feitos”. Este

⁷ In Eckermann, J. P. *Gespräche mit Goethe*. Zurique: Buchclub Ex Libris. 3ª ed., 1976. p.132.

comentário pode ser entendido como necessidade de atribuir um lugar fixo para cada coisa, atitude extremamente conservadora, mas também como uma sugestão de que retirar um elemento de seu ambiente para satisfazer uma paixão pelo estranho é amesquinhá-lo, retirar-lhe a significação que possui dentro de seu contexto. Sua concepção de língua justifica esta leitura, já que para Goethe um idioma se assenta sobre uma série de elementos⁷: solo, clima, modos de vida, costumes, relações sociais e até mesmo a constituição do país em que ela se desenvolve, não podendo, portanto, ser visto como fato isolado.

Mais interessante ainda é a maneira como Goethe passa dessa concepção de observância do contexto na interação com a alteridade à reflexão sobre a tradução, para cuja elaboração teórica seu conceito de literatura mundial tanto contribuiu:

Faz parte da natureza alemã apreciar tudo o que é estrangeiro em sua própria forma e se acomodar a suas singularidades. Isto e a grande maleabilidade de nosso idioma tornam as traduções alemãs fiéis e completas. (Eckermann, *Gespräche*, p.132/133)

Somente através da tradução, que se aproxima aqui da concepção benjaminiana, é possível de fato apreciar o estrangeiro. O olhar tradutor busca equivalências, sem impor a precedência de uma língua sobre a outra, de uma cultura sobre a outra. Sua qualidade maior é a docilidade, a capacidade de se acomodar às singularidades do outro.

A procura de uma pedra-irmã do quartzo flexível brasileiro, a que Goethe se dedicou com convicção, parece-me significativa como expressão imagética da vontade de descobrir aspectos em comum nas mais diversas culturas. Essa vontade teria possivelmente levado o grande escritor alemão, como acontece também com o conceito de *Weltliteratur*, a superar o ponto de vista colonialista, reconhecendo as diferenças sem que elas representem um empecilho às trocas com o estrangeiro.

Nesse sentido, a tarefa do tradutor era para Goethe de extrema importância. Ao contrário de outros escritores, inclusive nossos contemporâneos, ele recebia com grande entusiasmo as traduções de suas obras, chegando às vezes a considerá-las mais completas, aqui também no sentido benjaminiano, de maior proximidade a uma língua ideal, quando traduzidas. Criador ele próprio, era-lhe evidente que a nova versão de uma obra literária sempre trazia consigo algo do tradutor e das particularidades da segunda língua. Um de seus poemas dá testemunho disso:

*Jüngst pflückt ich einen Weisenstrauß
Trug ihn gedankenvoll nach Haus,*

*Da hatten von der warmen Hand
Die Kronen sich alle zur Erde gewandt.
Ich setzte sie in frisches Glas
Und Welch ein Wunder war mir das!
Die Köpfchen hoben sich empor,
Die Blätterstengel im grünen Flor,
Und all zusammen so gesund
Als stünden sie noch auf Muttergrund.
So war mir's als ich wundersam
Mein Lied in fremder Sprache vernahm.*

*(Colhi há pouco um ramallete
Trouxe-o pensativamente
Mas, ao calor de minha mão,
Penderam as hastes para o chão.
Depois, na jarra refrescadas,
Que renascer admirável!
Ergueram-se logo as corolas,
Reverdejaram suas folhas,
E tão sadias, por inteiro,
Como se ainda em seu canteiro.
Assim também, embevecido,
Vi meu poema traduzido.)*

Nesse poema comparam-se palavras com flores. Outra metáfora nos será mais útil aqui: a que aproxima as palavras das pedras. Trata-se de velhíssima metáfora, que podemos encontrar unida à primeira já no conto de fadas em que palavras são, via feitiço, transformadas ora em flores, ora em pedras, conforme o merecimento de quem as pronuncia. Repetidamente identificadas com a palavra na poesia moderna, a pedra aparece também com força emblemática na história do herói nacional brasileiro, Macunaíma, que, pretendendo emular a coleção de pedras do gigante — estrangeiro — Piaimã, cria para si uma coleção de palavrões. O texto de Mário de Andrade é estudado de forma magnífica por Eneida Maria de Souza em ensaio que se intitula, significativamente, *A pedra mágica do discurso*, onde se destrincham os jogos enunciativos que ali têm lugar entre signo e coisa, e nos quais a pedra ocupa os dois lados do campo.

É de pedra-signo e pedra-coisa que se trata igualmente nesse encontro novecentista entre Alemanha e Brasil, com o qual aprendemos um pouco mais sobre o discurso colonial e vislumbramos a possibilidade de um discurso pós-colonial. Eschwege trouxera para Weimar diamantes

do Brasil, que, ao cabo de muitas negociações, vendeu ao grão-duque Carl August. Goethe, macunaimicamente, não podendo ter uma coleção de pedras preciosas como a de seu mecenas, junta fragmentos de rocha de diversas procedências. Sua atenção se volta para o quartzo flexível que o viajante lhe dera.

Podemos, em perspectiva, ver essas duas espécies de pedras atuando em conjunto como mediadoras naquele encontro de certa maneira inaugural entre Brasil e Alemanha. O diamante, duro, infriável representa aqui aquela inalienável singularidade, sem a qual não se pode conceber um idioma, um povo, um poema, um indivíduo. O itacolomito maleável está para a disposição de ver com os olhos dos outros e falar as palavras do estrangeiro. Os dois aspectos são importantes no encontro entre culturas; ambos estão presentes na visão de Goethe. Dessa visão pode emergir enfim uma imagem do Brasil que não tenha como pressuposto a precedência de uma cultura sobre a outra.

